

Novas mídias e saúde mental: exposição à mídia durante a pandemia COVID-19

New media and mental health: media exposure during the COVID-19 pandemic

Camila Francisco de Souza^[1], Julia Oliveira Vizotto^[1], Simone Rodrigues Alves de Mello^[2]

^[1] Graduandas do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá-FEPI, Av. Dr. Antônio Braga Filho, nº 687, Porto Velho, Itajubá–Minas Gerais.. camila.francis4@gmail.com, juliavizotto33@gmail.com

^[2] Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá-FEPI, Av. Dr. Antônio Braga Filho, nº 687, Porto Velho, Itajubá–Minas Gerais, Centro Universitário de Itajubá, simoneradra@gmail.com

Recebido em: 10 de Março de 2021; Aprovado em: 19 de Maio de 2021

RESUMO

A Mídia enquanto os meios de comunicação em geral, acompanha as evoluções tecnológicas, sociais, políticas e econômicas da humanidade. O presente artigo procura compreender como a mídia se constituiu através da história para então, poder entender no que ela se constitui hoje, em que nos encontramos num contexto contemporâneo caracterizado pela aceleração dos processos, fluidez das relações e certa superficialidade, reforçado ainda mais, pelo panorama da pandemia de Covid-19. Para isso foi preciso abranger a pesquisa para os efeitos na saúde mental dos indivíduos e sociedades. A análise desses efeitos tem ligação direta com a atuação de psicólogas e psicólogos enquanto profissionais de saúde pública e responsáveis com a coletividade. Realizou-se uma pesquisa de carácter bibliográfico em modelo expositivo e explicativo. Após a contextualização histórica e conceitual, há uma investigação da adicção ligada às novas mídias, e em seguida discute-se o impacto desta relação no cenário pandêmico de 2020. Percebeu-se que a Mídia se desenvolveu no centro das relações sócio-culturais, transformando ao longo da história, seus processos de produção, circulação e recepção. Hoje, mesmo com as facilitações da vida cotidiana que oferece, pesquisas demonstram que o uso abusivo de mídias digitais pode trazer consequências negativas para a saúde mental dos sujeitos. Este quadro se intensifica ainda mais quando a população é orientada a permanecer em suas casas como garantia de saúde.

Palavras-chave: Mídia, Saúde Mental, Dependência, Internet, Pandemia, Covid-19

ABSTRACT

The Media corresponds to the medium's communication in general, it follows the technological, social, political, and economics's developments of humanity. This article seeks to understand how the Media was constituted through the history, so that it could understand what it constitutes today, wich in we find ourselves in a contemporary context characterized by the acceleration of processes, fluidity of relations and a certain superficiality, further reinforced by panorama of the Covid-19 pandemic. For that, it was necessary to cover research for the effects on the mental health of individuals and societies. The analysis of these effects is directly linked to the performance of psychologists as public health professionals and responsible for the community. The bibliographic research was carried out in an expository and explanatory model. After the historical and conceptual contextualization, there is an investigation of addiction linked to new media, and then the impact of this relationship is discussed in the pandemic scenario of 2020. It was noticed that the Media developed at the center of socio-cultural relations, transforming throughout history, its production, circulation and reception processes. Today, even with the facilitations of everyday life that it offers, research shows that the abusive use of digital media can have negative consequences for the mental health of the subjects. This situation intensifies even more when the population is oriented to stay at home as a guarantee of health.

Keywords: Media, Mental Health;Dependency; Internet; Pandemic, Covid-19

INTRODUÇÃO

A psicologia compreende o ser humano como um sujeito biopsicossocial, e para entendê-lo em suas dores e prazeres é preciso analisar cada uma dessas facetas, assim como, perceber como cada uma delas se influenciam.

A mídia veiculada hoje por aparelhos digitais constitui a cultura na qual o ser humano está imerso, e, portanto, reverbera no meio social, no ambiente psicológico e nas correspondências fisiológicas dos indivíduos.

A comunicação midiática cada vez mais disseminada gerou muitas pesquisas e reflexões a respeito de seus possíveis efeitos e sintomas na sociedade e nos indivíduos.

Contudo, o recente avanço acelerado no desenvolvimento das tecnologias de comunicação tem assumido uma nova configuração em relação aos seus usuários. São mudanças tecnológicas tão imediatas que não resta ao menos tempo para reflexão sobre seus possíveis impactos. Em linhas gerais percebe-se uma superficialidade nas relações afetivas, um conformismo ao

status-quo, e a exposição do “eu” de forma espetacularizada como regra.

Este panorama é o propício para o desenvolvimento de uma relação dependente com as novas tecnologias, e em decorrência deste, o aparecimento de comorbidades, como ansiedade e depressão, por exemplo.

Com a recente pandemia do Coronavírus, as pessoas foram obrigadas a cumprir um isolamento social em suas casas. Visto que, o ser humano se constitui na interação social, este distanciamento físico encontrou um escape no ¹Ciberespaço.

Portanto, o presente artigo propõe-se a compreender o quanto este aumento abrupto de uso das redes pode influenciar a saúde mental dos brasileiros.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho apresentado é um estudo que parte de uma revisão bibliográfica que visa entender os conceitos de mídia, adição, e novas mídias no contexto de pandemia.

A pesquisa foi dividida em três partes: Primeiramente entendendo os conceitos históricos da mídia, e como chegamos às novas mídias, e sua relação com a tecnologia.

¹ Espaço das comunicações por redes de computação.

Em segundo lugar, foi analisada a relação da mídia com a adicção, e seus impactos à saúde mental.

Por fim, uma análise de como o uso das novas mídias e a adicção se comportam frente a atual epidemia do Coronavírus.

RESULTADOS

O entendimento dos impactos sociais através dos meios de comunicação, segundo Thompson (2011), nos ajuda a entender como tais meios transmitem conteúdos simbólicos à indivíduos, implicando em novas formas de interação com o mundo social.

Segundo o autor, os usos dos meios de comunicação transformam as organizações temporais e espaciais, pois criam novas interações, novos modos de exercer o poder, além de alcançar parâmetros mundiais. Trazendo seu contexto histórico, a indústria da mídia surgiu durante a segunda metade do século XV, através de técnicas de impressão que foram desenvolvidas por Gutenberg, e se espalhou pelos centros urbanos da Europa. O desenvolvimento das primeiras máquinas impressoras foi respaldado pelo crescimento capitalista no fim da idade média e início da Europa Moderna.

Estas impressoras vieram a ser bases de um poder simbólico, que manteve uma relação ambivalente com as

instituições públicas dos estados e com instituições religiosas. Além disso, o surgimento da indústria editorial criou novos centros de poder que eram pautados nos princípios de produção mercantil. (THOMPSON, 2011)

A mídia se expandiu pautada neste mesmo princípio, e foi acompanhando os avanços tecnológicos e dos meios de comunicação que surgiam, em grande parte por influência das guerras mundiais e da progressão da globalização, que ocorreram no séc. XX.

Debord (1997) explicou a partir de sua teoria contemporânea os efeitos da globalização, resultando em um mundo que depende da imagem como reprodução da realidade. Após o advento da indústria cultural, a imagem passou a ser um instrumento de controle das pessoas.

O autor ressalva que:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é «o que aparece é bom, o que é bom aparece». A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele

já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (p.17)

Segundo Rüdiger (2011), em 1948, Nobert Wiener criou o pensamento tecnológico de terceira fase, após a mecânica e a elétrica, haveria a Cibernética para designar uma ciência do controle das relações entre seres vivos e máquinas. A ideia era construir um universo tecnológico moralmente mais superior do que a tecnologia desenvolvida para guerra, em que o homem deixaria de ser sujeito e se tornasse uma parte de um vasto maquinismo.

Wolfe (2005) resgatou as previsões feitas em meados da década de 50 por Marshall McLuhan, de que os novos meios de comunicação teriam efeitos não apenas da mente dos indivíduos, mas em toda a história humana. Em seguida, o autor relembra o grupo de futuros bilionários que, ao final da década de 90, já se encontrava no Vale do Silício para aspirar sobre o ciberespaço. Segundo o autor, a internet, já sabia ser algo muito além da criação de um novo meio de comunicação, como também a construção de

[...]algo que tornaria insignificantes todas as fronteiras

nacionais e divisões raciais, transformando literalmente a natureza da besta humana. (p.10).

Observando o papel das novas mídias, Rüdiger (2011) destaca as considerações de Manuel Castells sobre uma horizontalidade nos processos de comunicação, em que os sujeitos não são mais meros espectadores, como também criadores de conteúdo. Portanto, haveria a formação do que Henry Jenkins (2009) chama de “cultura participativa”, em que os sujeitos contribuem ativamente para definir como e em que forma o conteúdo midiático será utilizado.

Contudo, Wolton (2011) relembra que “produzir informações e a elas ter acesso não significa mais comunicar” (p. 16), pois exatamente o exagero de informações está levando a não comunicação. Ainda, é preciso destacar as atuais discussões a respeito dos algoritmos e do uso indevido de dados por plataformas digitais.

Gillespie (2018) indica que os algoritmos têm a função de elencar aquelas informações de maior relevância para o usuário, mapear suas preferências e excluir as informações de outro. Portanto, para compreender seus impactos no discurso público, deve estar atento para como eles funcionam, onde

são implantados ou o que os movimentam financeiramente.

Saúde Mental e Novas Mídias

Existe uma vasta gama de pesquisas acerca dos efeitos e funções da mídia, porém, essa mídia vive em constante mutação. Logo, é necessário construir novas análises acerca de seus efeitos nos sujeitos e nas populações, uma vez que os sintomas a longo prazo ainda estão por vir.

Anteriormente a expansão da Cibernética, Duarte (2005) destaca que Adorno e Horkheimer já constataavam uma fragilidade na estruturação psíquica entre os espectadores da ²indústria cultural. Esta fragilidade era observada a partir da inibição da formação do superego, no momento da constituição do psiquismo dos sujeitos.

Com o fim do prestígio da família pequeno-burguesa, e a consequente perda de autoridade do pai de família enquanto provedor material e econômico, este torna-se agora um pequeno funcionário, quando não desempregado. Logo, quem assume o papel de autoridade da estruturação do ego é o sistema de dominação da indústria cultural. Formando desta

maneira, sujeitos subservientes ao *status quo* e incapazes de resistir aos apelos pelo consumo. (DUARTE, 2005)

Com o advento da informática e da comunicação digital através da internet, foi proporcionado novos e poderosos meios de engendramento de realidades virtuais, o que segundo Gurfinkel (2011), repercutiu na vida psíquica de maneiras que ainda mal compreendemos.

O desenvolvimento das tecnologias de informação renovou as formas de criação e apropriação da mídia, mas quais foram seus efeitos na saúde mental dos sujeitos?

A afirmação colocada por Wolton (2011), de que informar não é comunicar complementa-se ao que Lazarsfeld e Merton (1990) chamaram de “Disfunção Narcotizante”. A avalanche de informações a que os indivíduos estão expostos ao invés de estimular, narcotiza o leitor, que passa a confundir a diferença entre conhecer os problemas e atuar sobre eles. Tornando-se sujeitos apáticos e passivos.

Além disso, a falta de um espaço de vínculos espaços-temporais faz com que o indivíduo viva uma experiência particular, e relativa a um sonho. Os meios online são espaços onde os

² Termo criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer para designar uma indústria que

homogeniza os produtos culturais segundo a lógica do capitalismo monopolista

sujeitos podem projetar suas vivências e fantasias que substituem a vida real, e absorvem o indivíduo. (GURFINKEL,2011)

Thompson (2011) aponta que o desenvolvimento da mídia não somente transforma o processo de self, mas também produz uma nova intimidade, que não face a face. Portanto, pode se estabelecer uma relação não recíproca.

Atualmente tem se discutido sobre o impacto dos longos períodos de exposição dos indivíduos às novas mídias, portanto, Gurfinkel (2011) destaca que pode haver um abuso em relação ao tempo destinado às redes. Contudo, não se trata apenas da quantidade de tempo gasto, mas sim da qualidade na forma de interação com essas mídias.

Em seguida, o autor reflete sobre tolerância e reação à abstinência que o indivíduo tem frente às mídias, analisando os efeitos que a adicção digital pode ter em cada sujeito, como por exemplo, consequências físicas (transtorno do sono, fadiga, alimentação irregular.), consequências familiares, problemas sociais (escola, trabalho) e problemas financeiros. Além disso existe a “sobrecarga cognitiva”, que está relacionada a uma alta demanda de informações que são consumidas.

Ressalta-se aqui os fatores psicológicos envolvidos no que poderíamos caracterizar como uma adicção. Méa, Biffe, Ferreira (2016) explanam que a dependência psicológica é tida como uma das principais problemáticas apresentadas pelo sujeito dependente de mídias digitais.

Neste sentido se caracteriza a “Disfunção Narcotizante” de Lazarsfield (2000), como um sujeito passivo, que perde a autonomia sobre suas escolhas. Assim como um sujeito subserviente ao *status quo*, em decorrência de uma fragilidade na formação do superego, como abordado por Adorno e Horckheimer. (apud, DUARTE, 2005)

Além disso, como agravante no diagnóstico da dependência de internet, estão presentes as comorbidades associadas com outros transtornos psiquiátricos. Portanto, encontra-se correlação entre transtorno depressivo maior, transtorno bipolar, transtornos de ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

Os sintomas da depressão e da ansiedade que se desenvolvem pela adicção podem ser expressos através da tristeza, agitação, ansiedade, fadiga, sentimento de culpa ou inutilidade, ideação suicida, dificuldades para tomar decisões, ruminação, desesperança, insatisfação crônica, expressões de

desamparo e de retraimento social. (MÉA;BIFFE;FERREIRA, 2016)

Gurfinkel complementa que:

O que observamos é que a conduta adictiva é um fator atual que interfere de tal forma na vida psíquica e no destino do sujeito, que ela quase que subverte e reconfigura a sua estrutura clínica progressa. Ora, a “atualidade” das adicções se torna uma problemática relevante quando compreendemos que elas ganham novas configurações conforme os objetos oferecidos e visados pelas necessidades e desejos dos homens se modificam de tempos em tempos. (p.33).

Isto é, as adicções humanas dependem menos do objeto em si, e mais da relação que se estabelece com ele. Portanto, a mídia veiculada pelas novas tecnologias virtuais emite uma excitação contínua que facilita uma relação de dependência, e em consequente, deteriora as demais relações afetivas do sujeito.

Portanto, os transtornos psicológicos e os sofrimentos psíquicos não são apenas consequências da dependência digital como também cumprem alguns dos requisitos para desenvolver tal quadro.

Baseando-se no crescimento de casos de dependência digital, A OMS declarou em 18 de junho de 2018, o “distúrbio de jogo” no CID-11 e, com

isso, reconheceu a dependência digital como uma doença que precisa ser combatida. (CANTERLE, 2019)

Novas Mídias e Covid-19

Em 2019 a doença provocada pelo Coronavírus foi identificada pela primeira vez, na cidade de Wuhan, China. Logo em janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde declarou uma emergência em saúde pública em relação ao vírus. (MAIA,DIAS; 2020)

Sendo assim, a recomendação para boa parte da população foi a de isolamento social, como modo de conter a contaminação do vírus. Parte da população que ficou reclusa passou a utilizar a internet como forma de manter as relações sociais, trabalhos e estudos. Logo, aqueles que já mantinham suas relações sociais predominantemente pela internet, e realizavam seu trabalho em casa, intensificaram ainda mais o uso. Enquanto aqueles que costumavam ter trabalhos que exigiam maior movimento e contatos sociais presenciais, tiveram de se adaptar forçosamente, a nova realidade.

Segundo Duan et.al (2019) a internet é talvez o maior avanço tecnológico dos últimos tempos. Atualmente, através das redes sociais, as notícias sobre doenças infecciosas têm sido identificadas como

forma de criar uma vigilância pública eficiente. Logo, a internet é utilizada para disseminar fatos e evidências em casos de surtos, contando muitas vezes com os dados de saúde pública.

Xavier et al (2020) revela que com o advento da pandemia e bilhões de pessoas em diversas formas de isolamento, o uso das redes sociais cresceu.

É o que demonstra o levantamento global feito pela consultoria Kantar (2020), que revela um crescimento de 40% no uso do aplicativo de bate-papo WhatsApp, na fase inicial da pandemia e um aumento de 37% no uso da rede social Facebook. De forma geral, segundo o levantamento, quanto mais os países se aprofundaram na pandemia, maior era a imersão na mídia. Houve um aumento de 70% na navegação na web em face a um crescimento de 61% no engajamento nas mídias.

Em outro estudo correlacional observou-se que há existência de uma correlação positiva apenas entre o tempo de uso do Facebook e os escores de depressão, indicando que existe uma relação direta entre essas duas variáveis, portanto, quanto maior o tempo de utilização dessa rede social do indivíduo, maior a escore de depressão apresentada. A dependência de Facebook também se

mostrou diretamente relacionada os escores de ansiedade.

Logo as pontuações em dependência de Facebook se mostraram positivamente correlacionadas com os indicadores de saúde mental. (COSTA et.al, 2018)

Com a pandemia, a busca por plataformas de trabalho remoto, redes de distribuição de serviço e mercadorias adquiridas na internet cresceu muito. Consequentemente, houve um aumento no consumo de informações e entretenimento online, além da proliferação de informações falsas. (MEDEIROS, ROCHA E GOLDONI, 2020)

Duan et.al (2019) complementa que em um momento de epidemia, ou uma crise de pandemia, é necessário ficar atento à demanda pública de obtenção de informação. Muitas vezes essa demanda favorece o crescimento de feeds maliciosos, contendo notícias falsas e meias-verdades.

Ainda segundo o autor (op.cit), algumas informações no período de pandemia tendem a gerar fortes reações públicas emocionais, visto que os indivíduos podem já vivenciar uma vulnerabilidade emocional por conta do isolamento social.

As notícias contraditórias exibidas nas mais diversas mídias contribuíram

para o sentimento de incerteza que se alastrava no período inicial da pandemia.

Da mesma maneira, é possível deduzir que, os efeitos e sintomas do uso abusivo da mídia por meio de tecnologias portáteis tenha se intensificado.

A pesquisa feita por um grupo de psiquiatria da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul, monitorou a evolução da sintomatologia pós-traumática, depressão e ansiedade durante a pandemia de covid-19 em brasileiros, e revelou resultados pertinentes já em sua primeira fase de divulgação, em junho de 2020.(CALEGARO, 2020)

Os resultados mostraram que os 86% dos entrevistados que estavam em distanciamento social, apresentaram mais sintomas de estresse, ansiedade, depressão e estresse pós-traumático em comparação aos que não estavam. (CALEGARO, 2020)

Além disso, a pesquisa também associou a exposição à mídia aos sintomas emocionais. Revelando que uma intensidade extrema de exposição à mídia foi significativamente acompanhada de maior sofrimento subjetivo e de sintomas de depressão, estresse, ansiedade e TEPT. (CALEGARO, 2020).

A pesquisa bibliográfica não encontrou dados quantitativos sobre o número de casos de dependência digital no Brasil no ano de 2020 até a data de publicação deste artigo. Contudo, dado a correlação entre o tempo de uso e o aparecimento de transtornos psicológicos e sofrimentos psíquicos, pode-se deduzir um quadro caracterizado pelo uso disfuncional das mídias digitais.

CONCLUSÃO

A mídia enquanto parte da cultura, não apenas reproduz os dilemas sociais como também influencia os sujeitos e os grupos em que estes se organizam. Ela ascende justamente com o estado moderno e se transforma de acordo com a evolução tecnológica da civilização.

Por meio de uma perspectiva histórica, permeada pela economia capitalista pode-se refletir sobre os efeitos da mídia na sociedade. Entre eles é possível detectar a superficialidade nas relações afetivas, o conformismo ao *status-quo*, e a exposição do eu de forma espetacularizada como regra.

Tais efeitos, favorecem a construção de sujeitos mais individualistas, narcisistas, conformistas e superficiais. O resultado disso se correlaciona com uma degradação na saúde mental e a maior dependência destes meios.

A mídia se fortifica enquanto mais um “ópio do povo”, e dentro de um cenário de pandemia mundial pelo COVID-19, ela ocupa o espaço das atividades de cultura, interação social e lazer que foram interrompidas como medida de segurança em saúde pública.

Uma pessoa que teve garantido o “privilégio” de trabalhar em casa, passa seu tempo de descanso na frente de outra tela, vai ver um filme ou jogar um jogo eletrônico, por exemplo. Isto é, o contato com as mídias digitais passa a ocupar mais horas dos dias dos cidadãos.

Neste artigo, pôde ser analisado o uso abusivo das mídias com um aprofundamento do sofrimento psíquico e da dependência digital a partir da correlação entre a pesquisa quantitativa da Kantar (2020), que aponta o maior uso de mídias e da pesquisa qualitativa da Covipsiq (CALLEGARI, 2020), que revela a evolução de sintomas emocionais e transtornos psíquicos no Brasil durante o período da pandemia.

Muitos fatores contextuais e individuais podem ter influenciado a evolução de tais sintomas na população, porém, a dependência digital surge nesse período como um agravante.

A citação da pesquisa correlacional de Costa (2018) sobre o uso abusivo do Facebook aos sintomas de ansiedade e depressão pôde passar uma ideia sobre a

ligação entre a dependência digital e o sofrimento emocional.

O isolamento social impôs uma interação social mais constante entre aqueles que habitavam o mesmo teto. Neste caso, o uso excessivo das mídias digitais pode representar uma esquiwa do sujeito em lidar com interações conflitantes.

Por outro lado, o distanciamento social revelou estratégias empenhadas em burlar a superficialidade das relações afetivas, tão características no Ciberespaço. As mídias digitais serviram como último recurso de um atributo tão básico do ser humano que é a relação social. Organizaram-se festas de aniversários, cerimônias religiosas, formaturas, entre outros durante o período da Pandemia.

Nestes exemplos fica claro que as novas tecnologias vieram para ficar, e o tempo de uso não é o que define uma dependência digital, mas sim se o sujeito é autônomo e não privilegia as tecnologias digitais em detrimento de outras atividades e formas de interação humanas.

A partir das análises de carácter explicativo e expositivo em cima da bibliografia recolhida, cabe nos agora refletir acerca das possíveis ações frente ao dilema colocado. Uma vez que a psicologia pode e deve estar prontamente

preparada para atuar no tratamento e acolhimento em saúde mental da sociedade. Assim como configuram uma categoria profissional obrigada a se adaptar ao meio digital, apresentando seus desafios particulares.

Como sujeitos biopsicossociais, constituídos a partir da relação com o outro, precisamos refletir dentro deste

cenário pandêmico, onde está o outro e como me comunico com ele. Não à toa o desenvolvimento psíquico e pedagógico de crianças e adolescentes, que se encontram em um período crucial de interações sociais e afetivas, abre um espaço para pesquisas acerca de suas características e efeitos.

REFERÊNCIAS

CALEGARO, V.C. e Colab.

Monitoramento da evolução da sintomatologia pós-traumática, depressão e ansiedade durante a pandemia de covid-19 em brasileiros.

De. de Neuropsiquiatria; Coord. de Ações Educacionais. UFSM. Covidpsiq. 01/06/2020. Disponível em <<https://www.covidpsiq.org/resultado>> Acesso em 5/10/2020.

CANTERLE, J. **Dependência digital prejudica saúde de adolescentes.** Agência Saúde. Brasília- DF. 26/04/19. Disponível em

<<http://www.saude.df.gov.br/dependencia-digital-prejudica-saude-de-adolescentes/#:~:text=DEPEND%C3%8ANCIA%20DIGITAL%20E2%80%93%20Em%2018%20de,ou%20aparelho%20eletr%C3%B4nico%20no%20geral.>> Acesso em 10/10/2020.

DA COSTA, J. M. V., FARIAS, I. Z. A., RAMOS, S. F., & GRANGEIRO, A. S. D. M. **O Uso Abusivo do Facebook e os sintomas de ansiedade e depressão: Um estudo correlacional.** ANAIS da VI Semana de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão. Sobral-CE, 27 a 29 de agosto de 2018.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUAN, C., LINDER, H., & HUREMOVIC, D. **Societal, Public, and [Emotional] Epidemiological Aspects of a Pandemic.** In *Psychiatry of Pandemics* (pp. 45-53). Springer, Cham. 2019

DUARTE, Rodrigo. Valores e interesses na era das imagens. In: **Muito Além do Espetáculo.** Adauto Novaes. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

GILLESPIE, T. **A Relevância dos Algoritmos.** Revista Parágrafo São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018. Disponível em <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722/563>> Acesso em 23/09/20.

GURFINKEL, Decio. **Adições.** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KANTAR. **COVID-19 Barometer: Consumer attitudes, media habits and expectations.** 3 April, 2020. Disponível em <<https://www.kantar.com/Inspiration/Coronavirus/COVID-19-Barometer-Consumer-attitudes-media-habits-and-expectations>> Acesso em 22/09/20.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da**

COVID-19. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37, p. 1–8, 2020.

MÉA, Cristina Pilla Della; BIFFE, Eliane Maria; FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. **Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade.** *Psicologia Revista*, v. 25, n. 2, p. 243–264, 2016.

MEDEIROS, B.P.; ROCHA, H.R.; GOLDONI, L.R.F. **Covid-19, transformações e vulnerabilidades da sociedade durante o isolamento.**

Observatório Militar da Praia Vermelha. Rio de Janeiro: ECEME. 2020.

MERTON, Robert K.; LAZARFIELD, P. Comunicação de Massa, gosto popular e a organização social. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. P. 103-127. Última edição: São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2011, p.108-11.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Editora Vozes Limitada, 2011

WOLFE, Tom. Introdução. In: McLuhan, Stephanie; STAINES, David (org.). **McLuhan por McLuhan:** conferências e entrevistas. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p.9-24.

WOLTON, Dominique. Uma teoria da comunicação. Tecnologias: entre emancipação e ideologia. In: **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

XAVIER, FERNANDO et al . **Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19.** *Estud. av.*, São Paulo , v. 34, n. 99, p. 261-282, Aug. 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000200261&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Sept. 2020. Epub July 10,2020. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.016>.